



O Espozendense

ANO XXXV

ESPOZENDE, 11 DE AGOSTO DE 1928

NUMERO 1:055

Semanario republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, adm. e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Eiras.—Editor—Julio de J. Giesteira Lima.—Composição e impr.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Annu, sem estampilha 8\$000 rs.—Com estampilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Mouda forte), 30\$000 rs.—Colonias Portuguezas, 25\$000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha \$50 cent.—Anuncios particulares: linha 30 c. Comun. ou reclames, linha \$40 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c.—Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

Este n.º foi visado pelo snr. Administrador do Concelho.

As festas da vila

Cada terra, a seguir ao 5 de Outubro, foi autorizada a crear o seu feriado municipal que os concelhos mais sensatos principiaram logo por fazer coincidir com o dia principal da festividade que maior concorrência exterior atraisse á séde.

Sómente onde os radicalismos negativos imperaram é que se escolheram dias de significado filosófico, social ou revolucionario, sem raizes na tradição local; e que, portanto, pouco a pouco foram sendo mudados, seguindo a orientação dos primeiros que souberam, desde logo, enquadrar uma regalia politica no sistema economico do seu concelho.

E' assim que nasceram as festas da cidade e as festas da vila, que, se já existiam, começaram a ter um caracter oficializado.

Tem tambem Espozende as suas festas da vila que tem o gravissimo defeito de caírem em epoca terrivelmente mal escolhida.

E' que as coisas são o que são e não conforme a nossa vontade ou os nossos caprichos desejariam que fossem.

Atrazado de 25 anos, pelo menos é o criterio de se continuar a pensar que os concelhos fazem as suas festas para os proprios concelhos.

Não. De nenhum modo.

As festas fazem-se, ou devem fazer-se, para os de fora que venham cá deixar o seu dinheiro.

E' esse um factor de compensação neste ciclo economico moderno e em que devem gravitar os actos das sociedades hodiernas.

Fazer uma festa destas no dia ou dias do ano em que, precisamente, tem lugar o maior numero de festas de todo o ano, por toda a parte e das mais importantes, é alheiar-se das responsabilidades tremendas da hora que passa.

Afóra o roubo ao concelho, que é pobre, de milhares de es-

cudos que cá deviam ficar, é gastar, e gastar em pura perda, outros milhares ainda!

Uma festa destas em taes dias está condenada, á priori, a ser uma festa local sem importancia económica; uma festa de aldeia.

E' forte ?!

Será !... mas é uma verdade profunda!

Para tornar, porém e em ultima análise, supinamente condenável, condenável sem apêlo, o periodo das Festas da Saudade, aparece dentro do concelho, a poucos metros de distancia, uma outra festa—a das Marinhas,—disputando a primasia á da vila numa serie de razões que lembram uma disputa cómica como a do Alecrim e Mangerona.

Isto não pode, ou não deve, ser!

A festa da vila deve ser mudada de dia.

Que se façam estas duas festas em dias diferentes, já o concelho lucrará muito com isso.

Qual a que deve mudar?

A de Espozende. Ponham-se de parte essas razões cómicas de prioridade. Dê-se um exemplo elevado, elevadissimo, de senso e sensatez: os de Espozende mudando a sua festa, deixando os das Marinhas agarrados á teimosia do seu moinho de D. Sanchô Pansa!

E' que, mesmo que os das Marinhas não existissem com a sua teimosia, os de Espozende deveriam mudar o dia da sua festa.

A teimosia das Marinhas sómente a devem aproveitar á maravilha, como um pretexto honroso para solucionar o caso da impropriedade do dia.

Que mais para deante, nos dias calmos de Setembro e em epoca em que nas circumvisinhanças não seja tradicional outra festa, se façam as festas da vila; se atraiam as concorrências de Vila do Conde, Pova e Viana ás regatas do nosso rio; se façam esplendorosas sessões de fogo aquático, fogo baratissimo e de efeito garantido para trazer sempre concorrência exterior, são os meus mais sentidos votos.

Que um raio de boa visão ilumine os que podem contribuir para que no proximo ano isto se faça, havendo duas festas,

Minhotánias

(Crónicas do Minho)

O folclore é hoje uma sciencia—a sciencia do povo, na acepção mais rigorosa (Folk—povo, e lore—sciencia).

Muita gente não sabe o que é isto; mas, na verdade, todos poderiam definir assim:—o conjunto de lendas, contos, tradições, crenças populares, canções, adivinhas, etc. que tem por autor o Povo—o primeiro poeta deste mundo!

Poeta, fabulista e o inventor de quantas lendas de avejões, lobis-homens e feiticeiras povoam a cabeça da nossa gente do campo—Do campo e dos centros populosos. E se ás vezes esses contos e credices são dum absurdo grosseiro—bastas vezes tambem deles brota uma poesia singela, mas evocadora, embebida no «saudosismo» tradicionalista.

O Folclore minhoto é dos mais interessantes e tem sido muitos os seus colecionadores.

Os srs. Teofilo Braga, Leite de Vasconcelos e Adolfo Coelho, são como todos sabem, os mais scientificos colecionadores do folclore nacional. Mas alem deles ha outros que se não tem

dando-se as mãos os Marinhas com os de Espozende, auxiliando-se nas despezas respectivas, frequentando, reciprocamente, as suas festas.

E se assim não acontecer, e sem por isso querer ganhar esporas de bom profeta, as teimosias e os teimosos morrerão e a mudança ter-se-há de fazer um dia! O statuo quo actual é que é insustentavel.

A' ex.^{ma} Camara, a mais lidima expressão dos interesses concelhios, e á ex.^{ma} Comissão das festas, faço o apêlo para que desde já procurem assentar na resolução da questão.

E que num concelho tão pequeno, se não dê essa lamentavel subtracção de energias, antes num somatório inteligente trabalhemos todos pela prosperidade deste rincão bendito em que a Natureza tão prodiga foi.

Duarte Garrilho.

nomes tão illustres nos oráculo intellectuais, nem por isso deixam de ser muito inteligente coordenadores.

Refiro-me aos srs. Soeiro de Brito, Tomás Pires, Cardoso Marta, Gomes Pereira, Candido Landolt e Silva Vieira, o mais fanático dos folcloristas—o homem que mais energia e mais dinheiro tem dispendido com o Folclore nacional.

Ora aqui é precisamente deste que me quero ocupar. Há lá em Portugal individualidade mais apaixonada por tal genero de estudos que este tenacissimo trabalhador? Quem como Silva Vieira tem gasto dinheiro e tempo na coordenação e publicação desses trabalhos que, segundo a autorizada opinião do sr. Ramalho Ortigão, são «a base lógica da critica historia e literaria»?

Em Portugal—ninguem!

*

* *

O seu catalogo consta de mais de cinquenta obras da especialidade, todas por ele editadas.

A Revista do Minho, que ele fundou em 1885, tem sido colaborada, não só por ele como pelos mais illustres folcloristas nacionais e estrangeiros, e é unica no seu genero em Portugal.

Ha já 20 volumes publicados—vinte grandes volumes, um manancial riquissimo de valiosos trabalhos!

Além da revista tem a Coleção Silva Vieira em 10 vol., colaboração de diversos; e os Ensaios Etnograficos, de Leite de Vasconcelos (5 grossos vol.—formato em 8.º). E trabalhos exclusivamente seus:

Materiais para a Historia das trad. pop. do conc. de Espozende (1 vol.) Trad. pop. da Provincia do Minho (cancioneiro) (1 vol.) Ramallete de canções populares (1 vol.). Mas além disto o benemerito folclorista, tem ainda muitos outros trabalhos inéditos, alguns dos quais conheço.

O que deixo apontado seria o bastante para mostrar que Silva Vieira é já alguém numa terra de ninguns. Mas isto não satisfaz ainda. E' ele o director do «Espozendense» desde 1885 e não ha idéa grande e generosa que ele não tenha defendido e advogado.

Quasi tudo quanto se tem escrito em Portugal sobre Folclore tem sido editado por ele. A maior parte dessas edições são dispendiosas e só lhe dão prejuizo. Mas Silva Vieira, numa abnegação de apóstolo, nem nisso repara.

Na sua mocidade Silva Vieira foi um poeta apreciavel. Quem não conhece essas duas lindas quadras *Ma* que são dum lirismo encantador.

«Que segredos tão profundos
Encerras tu nessas aguas?
A quem contas teus segredos,
A quem dirás tuas maguas?»

A' terra? ao ceu? ás estrelas?
A que vastidão d'alem?
—Irmão do teu coração
Eu não as conto a ninguém.»

Só quem nasce poeta podia ter escrito isto!

Tenho aqui sobre a minha mesa quasi todas as obras poeticas de Silva Vieira, muitas delas manuscritas.

As suas *Serenadas* teem quadras como esta:

Na vastidão do oceano
Qual frágil embarcação,
Anda vagando uma esperança
Fugida dum coração.

Aconcelho Silva Vieira a que publique as suas poesias em volume. Não o fará, verão. Ele não terá duvida em editar todos os livros dos noveis cultores das letras «para os ajudar a subir», mas os seus só os publicará? quem sabe quando? Talvez nunca.

E' um desvelado protetor dos novos. Foi ele quem editou o meu primeiro livro—*O Solar dos Vermelhos* em um vol. de 330 pag. Mas que homem este Silva Vieira! Com que prazer, com que alegria ele não trabalhava na edição desse romance que a fantasia dum rapaz concebeu e escreveu aos 18 anos!

«E' nessesario prestar auxilio aos que querem trabalhar no campo das letras». «E' uma criança? Pois amparemola». Falava assim.

E eu vi depois o interesse com que ele colecionava as criticas, dos jornais, a esse meu livro:

—«E' uma criança? Mas vejam que magnificas criticas? Olhem esta de Candido de Figueiredo! Meia coluna do *Diario de Noticias*. . . » E regosijava-se mais do que eu mesmo. Devo-lhe uma grande amizade, mas o que deixo dito não tem particula de lisonja.

Não me deixa ficar mal o sr. Teofilo Braga, essa poderosissima cerebração de sábio, que chegou a citar a opinião de Silva Vieira em diversos dos seus trabalhos. Nem o falecido bibliófilo Rodrigo Velloso que disse dele: «é o mais infatigavel e solícito propagador dos estudos folclóricos nos ultimos 30 anos»: Nem o sr. Os-

car de Pratt que afirma: «O seu amor e a sua dedicação pelo Folclore, levam-no até ao sacrificio, sustentando uma publicação que só lhe dá prejuizo, mal ajudado e peor compreendido».

Agora que vou findar deve dizer algum ingénuo leitor, lá com os seus botões:—Mas o cronista esquece-se de nos dizer que Silva Vieira foi em tempos agraciado com o Habito de Christo e feito Comendador nos fins da monarchia; ou então proposto Sócio da Academia de Ciências.

Caro leitor: Silva Vieira é tão modesto e tão ingénuo que até pensa que não merece essas coisas. . . Ele na verdade, ha tantos a disfrutar essas honrarias. . .

Manuel Boaventura.

(De «O Povo», diario de Lisboa.

CONFISSÃO PUBLICA!

E' esta uma das formas da confissão que me agrada; quem a faz toma a responsabilidade de seus actos.

Eu escrevi ha um ano na correspondencia daqui para o «Noticias de Fãos», n.º 78, de 13 de Agosto de 1927, 2.ª pagina:

«Encontra-se nesta vila em sua residencia balnear o Ex.mo Sr. Dr. Duarte Carrilho, professor no Liceu de Braga.

«Abriu no dia 1 do corrente mês o balneario do Hospital, que costuma ser concorridissimo».

Na mesma correspondencia de 3 de Setembro do mesmo ano, n.º 81, 2.ª pagina, referindo-me ao collegio dos Orfãos, digo eu:

«Está nesta vila o collegio dos Orfãos de S. Caetano, de Braga.

«Encanta ver essas crianças nos brinquedos com que se entreteem, em passelos recreativos ou noutras occupações a que se dedicam, com uma lioha, um aprumo de correcção esmeradissima.

«E' o que vale a educação mofal, que tanto distingue quem a tem.

«Em contraste com esta virtude, que logo á primeira vista se nota com toda a evidencia nos educandos do referido collegio, temos a educação doutras crianças e até de adultos que por ai e por toda a parte se vê, que é uma vergonha, uma nódoa na nossa civilização.

«Auxiliar essas crianças, a quem a desgraça, logo nos primeiros anos de sua existencia, feriu sinistramente, roubando-lhes os melhores amigos—os pais—é um dever de quem a fortuna favoreceu.

«Estas linhas são escritas em homenagem á justiça, porque justiça é dizer a verdade onde quer que ela esteja, não devendo tambem esquecer-se, que o corpo docente do collegio em referencia, pelo modo alevantado que apresenta seus alunos, é digno de todos os elogios.

«Se toda a mocidade assim fosse educada, não presenciariamos os tristes exemplos, os tristes actos e façanhas, que por toda a parte estamos vendo.

«E' digno de registo tudo isto.»

Quanto á palavra balnear e até balneario que então escrevi, ha um ano, na correspondencia acima transcrita, nada tenho que dizer: elas falam mais alto que todas as apreciações que a esse respeito se façam.

Quanto ao collegio dos Orfãos, que é o objecto desta minha publicação, alongar-me hei mais um pouco.

Andando eu ultimamente bastante incomodado, aproveitei o domingo, dia 8 do mês de Julho, para o passar em repouso, quando então me foi affirmado que no dia 10 desse mês seria resolvida definitivamente a vinda do collegio dos Orfãos para esta vila, tendo de se hospedar na escola.

A noticia recebia-a com grande assombro, pensando comigo:

—Ora para aqui estou doente e quem sabe se nas ferias que estão proximas o estarei ainda! E um turbilhão de ideias tristes avassalaram meu espirito que ficou em grande prostração.

E eu doente! dizia eu.

Na cama mesmo escrevi á nossa Ex.^{ma} Camara, tendo na minha imaginação pintado o quadro de tudo o que vinha a acontecer com a vinda do collegio para a escola, e pedindo a sua intercessão a meu favor confiado nos dignos membros que a compunham por quem eu sempre tive o maior respeito e consideração.

Procurei ser correcto na minha exposição, apesar de hoje reconhecer que nas referencias que fiz ao collegio em questão, as poucas palavras que sobre ele empreguei, não estão em harmonia com o meu pensamento.

E' isso que visa esta minha explicação e que não tem outro fim senão pôr as cousas no seu lugar.

Eu nunca quis ofender o collegio, sendo esse o meu pensamento que ainda hoje e sempre sustento. Nem doutra maneira podia proceder quem sempre nas suas acções costuma pôr o cunho da honestidade.

O collegio dos Orfãos, assim como todos os collegios são dignos paramim de toda a simpatia, não só por serem intuições bellissimas e uteis como são, mas tambem porque são eles que me trazem indeleveis recordações do tempo que por eles passei como aluno e com professor.

E se isto não fosse ainda o bastante, trazia em abono desta minha asserção o que ha um ano escrevi a respeito do collegio dos Orfãos, como atrás fica transcrita, e que ainda perfilha como verdade.

Isto não é incoerencia, é a justiça que ponho acima de tudo e que quero que transpareça e que fique clara.

As palavras que então empreguei não correspondem ao que queria dizer e nisto se resume tudo, não havendo intenção de agravo de minha parte.

Esta justificação que julgo necessaria, faço-a sem outro intuito, que não seja o de prestar culto á verdade e ouvir a minha consciéncia que é um guia seguro com quem quero viver em paz.

Ela não é uma retratação, mas uma justificação, como acima fica dito, e quando aquela fosse precisa, tambem a faria, porque não é desonesta a declaração de se ter errado.

A verdade num e noutro caso é que se quere e isso é o que eu faço.

A minha boa fé foi que me guiou no pedido, que onsei fazer á nossa Ex.^{ma} Camara, e fi-lo no uso dum direito que a ninguem é recusado.

Ai fica esta minha publica declaração, que não fiz mais cedo, por não ter acabado a discussão entre os jornais locais, e que eu de nenhum modo queria fomentar.

Esposende, 7—9—928.

João M. Mendes.

Joel de Magalhães

MEDICO

Consultas das 9 ás 12.

Rua Barão de Espozende.

Casa «HAVANEZA»

Já chegou um lindo e variado sortido de

«ALPERCATAS»

Fátima

Fátima é a reunião das almas. Junto da serra, junto da natureza bravia, dos carrascos e azinhos, das pedras negras e escavadas, da argila barrenta, das ervas rasteiras e pobres, sem relvados nem sombras, sem riachos murmurejantes, nem scenarios de poesia, sem cama para dormir, nem cadeira para descançar, sente-se a gente tao bem como no ponto mais belo, mais cheio de paisagem, de frescura e de carinho, que Portugal possa ter!

Sentir Fátima é sentir a alma e sentir a alma é saber viver, é saber crer, é saber amar. Fátima não se discute, vê-se e sente-se. Quem nunca a viu não a pode compreender e para se discutir é necessario ter argumentos.

Ter argumentos, neste caso, é vêr essa manifestação grandiosa da procissão das almas, sedentas da Verdade, é estudar com os olhos da Inteligencia, toda a profunda filosofia que ahí se aprende.

Fátima, para nós, tem indiscultivamente qualquer coisa de divino, de grandioso, de immaculado e de santo!

Fátima é a conversa dos homens com Deus.

*

São duzentos mil crentes a rezarem por Portugal, a elevarem os corações a Deus. São duzentos mil crentes a purificarem os corações das maldades e das tempestades da vida.

Não se vê um harmonium; uma guitarra, uma borracha, um descante, um mau modo, uma palavra mais rude.

Anda-se nos bicos dos pés para não acordar as almas do seu recolhimento. Fala-se baixinho para melhor nos ouvirmos.

A tarde desce. A multidão é um rio caudaloso a despejar no mar. Mil automoveis, dois mil, trez mil, quasi quatro mil, tantos eram os que se encontravam em Fátima. O céu está engrinaldado de nuvens, franjas cõr de rosa na poeirada avermelhada do poente. O ar reza recolhido. A agua da fonte que as bicas constantemente lançam é maravilhosamente fresca, fina, suave!

Quantos teem sede daquela agua! Paralíticos, tuberculosos, cancerosos, todos a olham com a esperança dos naufragos olhando de longe a praia. Só éla lhes pode dar a vida. Quanta sede teem d'ela! A noite tomba. A serra d'Aire vai-se envolvendo no manto pardacento do crepusculo.

Passam doentes, olhos de fé, sorrisos de esperanças. Os maqueiros levam-nos suspensos nas

correias dos hombros. Todos se afastam; compassivos, solícitos. Um doente ali é agasalhado, tratado, confortado por todos. Todos são bons e simples.

A melopeia suave do *Avé de Lourdes* ouve-se constantemente. Passam cirios vindos do Algarve ao Minho. A Espanha mandou também os seus peregrinos. Noite. Aqui e alem brilham estrelas. Na Cova da Iria, outras se acendem. Milhares, muitos milhares. Cento e cinquenta mil estrelas, são os lumes para a procissão das velas.

A's dez horas um potente *auto-parler*, traz a todos os peregrinos a voz bem tim brada d'um padre rezando o terço que todos acompanham num côro formidável de grandeza e de fé. A voz assim espalhada pela imensidade do compo parece descer do ceu aos reconcavos das almas.

Depois a longa fila das velas, na procissão maravilhosa dos peregrinos. Quilómetros de extensão. Reboa pela serra o hino suave, lento, bendito em honra da Virgem. Reza-se cantando, na eterna melopeia do

Avé, Avé
Avé Maria

E as vozes sobem, evoluem-se, avolumam-se, casam-se num *orfeon* fantastico de duzentas mil vozes a erguerem a Deus as suas preces.

A manhã ainda vem longe. Dormir, parqué! Rezam e cantam, cantam e rezam.

A's 7 horas da manhã começam as comunhões. Quantos milhares?!... Não n'os sabemos. Só sabemos, que ás onze horas ainda algumas dezenas de sacerdotes a distribuíam. São filas imensas de gente ajoelhada, comungando com fé, com um recolhimento que impressiona.

Está ali o bom povo de Portugal, o povo simples da nossa terra. Benditas as almas simples, as almas puras! Benditas as almas dos humildes. E as almas em Fátima humilham-se porque Deus vai a passar.

E nos olhos de todos bailam as lagrimas. Bailado lento, terno, como uma nuvem de incenso.

Depois a procissão em que levam a Senhora de Fátima para o pavilhão dos doentes.

O efeito aqui é fantastico. E' um sonho lindo, que queremos que jámais tenha fim.

(*auto parler* traz-nos os canticos que o povo num côro imenso, compassado, responde. Duzentos mil lenços agitam-se. Dozentas mil pombas brancas voltejando, batendo céleres as azas.

E' a apoteose.

O *auto-parler* fala-nos das preces pelos doentes:

—Senhor aquele a quem amais está doente...

O efeito é grandioso. Não ha pena que o descreva, não ha memoria que o esqueça, não ha boca que o conte. Vê-se e gravase no relicarió do peito.

E cada peito, n'esse instante, é um altar. Altar onde comungamos, a hostia santa duma suave impressão que não esquece, pois que é das mais belas, das mais grandiosas!

A tarde avança. Os canticos continuam sempre na eterna melopeia. Reza-se e canta-se, canta-se e reza-se.

A voz do sacerdote, trazida pelo *auto-parler*, vem até nós, imensa, grave, sonora, com uma entuação elevada; como um clarim:

—«Senhora do Rosario, salvai Portugal»

e a multidão, imensa numa voz que é grande como a do mar, profunda como a do trovão, repete, reboando de quebrada a outeiro, num grande grito uma grande prece.

—Salvai Portugal

Um aeroplano, voa boixinho. Homenagem da aviação portugueza à sua padroeira Nossa Senhora do Ar.

Fátima é a reunião da almas. Quem lá for uma vez nunca mais a esquece, nunca mais deixa de lá voltar! Prende e seduz.

Francisco Cancio.

PELO CONCELHO

Carta de Fão

A nossa praia está já muito movimentada pelos aquistas, que vão chegando. Veio dar-lhe uma nota alegre a banda do Internato Municipal do Porto, que na semana passada chegou a Fão. Dos seus afinados instrumentos saem inspirados acordes, sob a regencia mestra do n. amigo sr. Leitão enthusiasmando os fãozenses e forasteiros que todos cercam de carinho os pequenos cultivadores da divina arte.

—A' sua casa da Avenida chegou com sua ex.^{ma} familia o sr. Dr. Costa Palmeira, de Braga.

—Tambem já está em Fão no seu belo palacete do Senhor Bom Jesus o importante capitalista e bemquisto fãozense sr. Francisco de Campos Morais, com sua ex.^{ma} familia.

—Chegou tambem com a sua imperturbavel boa disposição o sr. Adolfo Matos, em companhia de sua ex.^{ma} mãe.

—Faleceu aqui, na terça feira a snr.a Filomena de Jesus Palmeira, cuja vida vinha desde ha muito desaparecendo, roubada pelo invencivel cancro.

—Está em Fão em goso de

licença, o sr. Tenente Filipe Gonçalves, brioso oficial de caçadores 9.

—Da Curia regressou o sr. José J. Soares Estanislau, com sua ex.^{ma} Irmã.

—O digno comandante do posto da G. R. de Fão, encontra-se com um braço partido, desastre de que foi victima, quando ha dias, em Braga, procurava prestar auxilio num sinistro grave de automovel em que perdeu a vida um dos socios da casa Sameiro e Costa, de Braga. Estimamos as melhoras.

C.

FONTE-BÓIA 9

Na sua linda casa do lugar d'Alapela, está a dsscançar o douto advogado dos Tribunais de Lisboa, o Ex.^{mo} Snr. Dr. Antonio Viana, em companhia de sua esposa e sogra, as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Elvira Mariz e D. Antonia Mariz.

—Tambem a recuperar sua saude se encontra entre nós em casa de seus tios, snrs. José Antonio Gomes da Cruz e Ana Martins Morais, o sr. José Martins Morais e sua querida mãe D. Antonia Martins Moraes.

—**Agressão traiçoeira.** No dia 2 corrente, pelas 19 horas, quando o Rev.^o Abade desta freguezia se dirigia à residencia de Firmino Alves Pontes, acompanhado com o proprietario Manoel Gomes Vendeiro, que condusia a cruz paroquial afim de acompanhar religiosamente uma criança do sexo femenino ao Cemiterio, filho daquele Pontes, no lugar do Estremadouro, José Fernandes Junior, por alcunha o «Cação», tentou impedir que se fizesse o enterro religioso, vindo acompanhado com seu primo Joaquim Gomes Paturro, ofendeu corporalmente o Rev.^o Abade, que vinha vestido com batina, barrete, sobrepelliz e estola.

Já está dada queixa no tribunal para que se dê o respectivo correctivo a tal desacato, do contrario não ha respeito às autoridades e principalmente nesta freguezia, pois que á uma camarilha de malfeitores.

C.

CONTOS POPULARES

Ir buscar lã e ficar tosqueado

Era uma vez um rato dos campos que passava uma vida vagabunda e selvagem.

Sem escrúpulos de especie alguma entrava em todos os celeiros e roubava quanto podia.

Era esperto e nenhum gato conseguia apanhá-lo.

Um dia, quando voltava de barco duma excursão, encontrou na margem do rio um outro ra-

to carregado com um grande sacco.

—Venho do mercado, disse-lhe este. Comprai este sacco de nozes e se tu me passares no teu barco para a outra margem, dar-te-hei metade.

—Muito bem, respondeu o outro, e pensou de si para si. Se eu podesse ficar com as nozes todas é que era bom!...

Enquanto remava ia pensando na melhor forma de conseguir o seu intento.

Chegados á outra margem, saltou apressadamente para terra e logo a seguir empurrou o barco fortemente, de maneira que o viajante e seu sacco caíram á agua.

Mas o ambicioso foi mal sucedido, porque o seu companheiro era um rato de agua. Num instante alcançou a margem a nado, depois de ter apanhado o sacco das nozes, e o outro, ao dar o empurrão, desequilibrou-se e foi de cabeça para o fundo, não tornando a aparecer.

Se não fosse a ambição, teria recebido metade das nozes. Assim, ficou sem elas e morreu.

Quem ganhou com isso foi o rato de agua, não lhes parece?

Os trez filhos do Jardineiro

Era uma vez um jardineiro que tinha trez filhos e como tivesse de ausentar-se entregou a cada um d'elles uma parte do seu jardim, dando-lhe ao mesmo tempo sementes para o agricultarem. Entre essas sementes havia algumas más, que produziam espinhos e ervas venenosas e ruins, e por isso o pae recomendou-lhes que escolhessem bem a semente. Apenas o pae partiu, um que era filho mais velho, em vez de escolher a semente, foi-se divertir.

—Paulo, que era o immediato, começou a trabalhar, mas passada meia hora, cançou-se e foi ter com Luis, que o chamava. Alfredo, que era o mais novo, trabalhou com zelo, e convidou os seus irmãos a imita-lo mas estes não fizeram caso dizendo que ainda tinham muito tempo. Chegado o tempo proprio, todos três semearam. Quando a semente nasceu o campo de Luiz e de Paulo, estava cheio de ortigas e cardos. Quizeram arranca-las mas não podiam porque eram tantas as ervas más que vinha juntamente com elas a semente boa. Pelo contrario, o do Alfredo estava que era uma beleza.

As poucas ervas más que nasceram facil foi arranca-las, e o jardim dele apresentava um magnifico aspecto.

Chegou o pae e ao ver o jardim de Alfredo tão bonito e o de Paulo e de Luiz, cheio de cardos e ortigas, tirou as terras a estes e deu-as todas a cultivar ao Al-

fredo, reconpensando desta forma o seu amor ao trabalho.

NOTICIARIO

Encontra-se entre nós, em gozo de férias, o snr. Mauoel de Souza Almeida, digno professor oficial em Argoncilhe, Vila da Feira.

Tambem se encontra entre nós o snr. Joaquim Gonçalves Regado, professor oficial e ajudante do Posto do Registo civil na freguezia de Macieira, concelho de Barcelos.

Na Barca do Lago, freguezia de Gemezes, na sua linda vivenda, encontra-se a passar a estação calmosa o illustre medico portuense e nosso patricio e velho amigo, snr. dr. José Maria de Oliveira, a quem há dias cumprimos.

Em S. Claudio, no seu palacete encontra-se ha dias o ex.^{mo} snr. dr. João Caetano da Fonseca Lima, da cidade de Braga, e filho d'aquella freguezia.

Encontra-se entre nós com sua ex.ma esposa e sobrinhos o snr. Mario Vieira, de Lisboa, que aqui vem passar os dous mezes de calma—Agosto e Setembro—aquelem cumprimos.

Em Fão, e vindo ultimamente do Rio de Janeiro, onde se encontrava há 30 anos, chegou ao seio de sua familia o nosso particular amigo e velho subscriptor, snr. Manoel Gonçalves Moraes, importante comerciante d'aquella praça, dando-nos o prazer da sua agradável visita à nossa redacção, com o que muito nos felicitamos e que do coração agradecemos. Sua ex.cia encontra-se em Fão no convívio dos seus.

Os dez mandamentos do lavrador

- 1.º— Fazer lavouras perfeitas nas terras que destina ao cultivo.
- 2.º— Estrumar convenientemente auxiliando essa estrumação com o emprego de adubos quimicos.
- 3.º— Empregar boas sementes.
- 4.º— Segunde as circuntâncias, executar trabalhos de irrigação e drenagem.
- 5.º— Não faltar com os amanhos indispensaveis, mondas, sachas, regas, etc.
- 6.º— Empregar máquinas que lhe facilitem o trabalho, tornando a cultura mais simples e económica.
- 7.º— Fazer a escolha dos animais de boas raças, e seleccioná-los como o faz para as sementes.

8.º— Dar uma alimentação abundante a todos os animais de sua casa.

9.º— Em caso de doenças nos animais ou plantas, recorrer a quem saiba cura-los.

10.º— Associar-se aos que trabalham no seu mister, para dessa associação resultar força e vantagem para todos.

Espectaculo em beneficio das festas da Senhora da Saude e Soledade.

Como tinhamos anunciado, è no domingo, dia 12, que um grupo de rapazes amadores, desta vila, levam no Theatro Club Espozendense, uma recita para custear as despezas das festas. Este espectáculo tem uma comedia musicada por um terceto.

Por especial deferença para com a Comissão das festas da Saude abrilhanta o espectáculo a Banda dos Orfãos de S. Caetano de Braga.

Por terem chegado quasi há ultima hora as peças que vamos levar à scena, e como o tempo è pouco para ensaios, pediamos ao respeitavel publico o obsequio de nos desculpar qualquer falta.

Orfãos de S. Caetano do Braga

Chegaram hontem de tarde a esta vila, os orfãos de S. Caetano, da cidade de Braga, que vem como no ano findo passar aqui a temperada das férias.

Acompanha-os a banda de musica e os seus prefeitos, a quem danos as boas vindas.

Casa «HAVANEZA»

Depositaria no concelho da

Empreza Fabril Portuense
Vinhos do Porto—Cervejas—Laranjadas—
Licoros.

ANNUNCIOS

EDITAL

Dr. João Barros,
Administrador do C.
de Espozende.

Para os devidos efeitos se torna publico, de acordo com o resolvido pela Comissão Venatoria Regional do Norte, que a caça ás rolas e codornises n'este concelho principia no dia um de Setembro e a caça á perdiz, lebre e coelho principia

no dia um de Outubro, sendo o encerramento da epoca venatoria em 31 de Janeiro.

E para constar se afixou o presente e outros nos logares mais publicos do concelho.

E eu, José Augusto d'Almeida Abreu, chefe de Secretaria da Camara o subscrevo.

O Administrador do Concelho,
JOÃO BARROS.

Comarca de Espozende

1.ª publicação

Acção de separação de pessoas e bens.

Para os efeitos do artigo 448 do Codigo

do Processo Civil se torna publico que em 13 de Junho corrente, foi proposta neste Juizo, uma acção de separação de pessoas e bens, em que é autora Carolina Gonçalves Vasco, casada, da freguezia de Fonte-Boa, desta comarca, e Réo, seu marido, Bento Domingos Viana da Silva, da mesma freguezia.

Espozende, 19 de Junho de 1928.

O Juiz de Direito,
Alexandre Cerqueira Amorim.

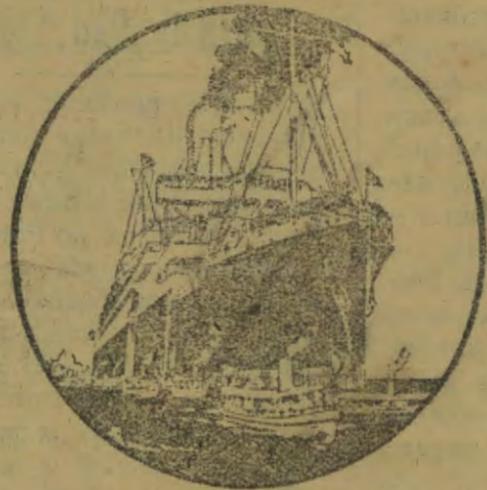
O Escrivão,
Manoel Fernandes da Costa Lima.

GAZOMETRO

Vende-se um gazometro de acetilene, de folha de ferro, quasi novo, com seus pertences, por modica quantia.

N'esta typografia se dão informes e preço.

MALAREALINGLEZA



Paquetes correios a sahir de Leixões

DESEADO em 22 de Agosto para o Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos-Avres
DESNA, em 5 de Setembro para o Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos-Avres
Demerera em 3 de Outubro para o Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos-Avres.

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

ALMANZORA em 13 de Agosto para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos-Avres.

ALCANTARA, em 26 de Agosto para o Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos-Avres.

ANDES em 3 de Setembro para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos-Avres.

Na agenciã do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches à vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE.—PORTO
ou aos seus correspondentes nas provincias.